

GAZETA
DE J ADO RIO
NEIRO.

QUARTA FEIRA 29 DE NOVEMBRO DE 1815.

Doctrina . . . vim promovet insitām,

Restitue cultus pectora roborant. H O R A T.

*Parte dada ao Rei sobre a situação da França,
e sobre as relações com os Exercitos Alliados,
por Fouché, Ministro da Policia Geral.*

SENHOR, — A devastação da *França* está no seu auge. Tudo está arruinado, assolado e destruído, como se não tivéssemos que esperar nem paz, nem composição. Os habitantes fogem diante dos Soldados sem disciplina — os matos estão cheios de entes desgraçados, que procurão nelles o ultimo asilo, — as colheitas perdem-se sobre o terreno; em breve tempo a desesperação não prestará ouvidos á voz de authoridade alguma, e esta guerra empreendida para triumpho da moderação e justiça, igualara em barbaridade aquellas deploraveis e tão celebradas invasões, cuja memoria á historia traga com horror.

As Potencias Alliadas proclamarão tão altamente sua doutrina, que nos não deixão duvidar da sua magnanimidade. Que proveito se pôde tirar de tão inúteis damnos? Já não haverá laço algum, que prenda as nações? Querem ellas retardar a reconciliação da *Europa* com a *França*? Huma das vistas dos Soberanos parecia que era segurar o Governo de V. M., e com tudo sua authoridade está continuamente comprometida pelo estado de impotencia, a que elles a reduzem. V. M. assignou como Alliado o Tratado de 25 de Março, e sem embargo se faz contra vós a guerra mais directa.

Os Soberanos conhecem o grão de intelligencia, que os *Francezes* possuem; não ha raciocinio, não ha geneto de faltas, não ha especie de propriedade, que escape á penetração daquelle povo; ainda que humilhados por necessidade, se resignão com valor. Os unicos males, que elles não podem soffrer, são aquelles, que não podem comprehender. Não tem V. M. feito para a in-

teresse das Potencias, e para a paz tudo, que dependia de vossos esforços? *Bonaparte* não se foi desapossado, mas está nas mãos dos Alliados; a sua familia está igualmente em poder delles, por que está nos seus territorios. Dissolverão-se as Camaras. Brevemente não haverá nos empregos publicos outros homens se não aquelles, com que se pôde contar como amigos da paz.

Os *Bonapartistas* erão temidos, ainda que já nenhum delles podia ser perigoso. Porém V. M. a este respeito tem concedido tudo, que podia conceder-se, ou exigir-se para exemplo.

Se depois de vencerem a *França*, pretendem que ella deve ser tambem castigada, esta linguagem, que não devia esperar-se depois das promessas dos Soberanos, requer que elles pezem todas as consequencias. Porque nos querem elles castigar? Para expiar a condição de hum homem, e os males, que elle produziu? Nós mesmos fomos as primeiras victimas, e duas vezes temos livrado delles a *Europa*. Não foi nos paizes estrangeiros, mas sim na *França*, que o terror perturbou constantemente o seu descanso, sem embargo do seu poder.

Elle nunca pôde fazer a guerra nacional: instrumentos não são cúmplices. Quem não sabe, que quem exerce tyrannia acha sempre na multidão huma força sufficiente para fazer-se obedecido?

Elles nos lanção em rosto suas victorias; fóraõ compensadas por muitos reveses. Que imagem nos representava o annuncio das suas victorias, que não fosse o das conscripções, que acabava, e fechava sua curta carreira, só para fazer novas conscripções, que outra vez devião ser ceifadas na batalha! Nós fomos salvos, bem como o resto da *Europa* pelo mesmo luto, e pelas mesmas calamidades.

O exercito está submisso a Vossa Magestade,

mas elle ainda existe. Devemos explicar-nos sobre este assumpto sem reserva. O que resta do exercito está agora unicamente aferrado á paz, e á publica tranquillidade. Este estado de reunião, longe de ser hum mal, atalha que se estenda o mal. A volta dos soldados ao seio do povo não será acompanhada de perigo, quando a conclusão da guerra der ao povo meios de tornar ás suas occupações, e a seus habitos, mas antes daquelle tempo, e enquanto não está extincta a fermentação, nem estabelecida a obediencia, a mistura dos soldados com os cidadãos seria lançar no fogo novas materias inflammáveis.

He cousa triste pensar que este estado de cousas tem origem no erro de alguns gabinetes, em juizos formados por elles sobre a situação da *França*. O complemento de todos os seus desejos delles só depende. Não ha sacrificios, a que hum povo illustrado não esteja pronto a sujeitar-se, quando vê o objecto para que são exigidos, e acham nelles os meios de evitar maiores calamidades. Tal he a disposição, tal o desejo de todos os *Francezes*.

Mas se elles, por outra parte, desejão alcançar medidas preparatorias para planos desconhecidos, aspirão a huma cousa impossivel. Em *França* não ha obediencia cega. As Potencias ainda não publicarão algum dos seus designios; ninguem sabe que idéa deve fazer do Governo, da authoridade de Vossa Magestade, ou do futuro.

Cuidados e suspeitas estão no maior ponto, e tudo parece motivo de terror no meio desta escuridade. Mas huma só palavra mudaria todas as disposições; não haveria mais obstaculo a medidas algumas, huma vez que fizessem parte de hum plano geral, que de passo prestaria alguma conciliação á obediencia.

Portanto dignem-se os Soberanos de explicar-se. Porque insistem em negar este acto de justiça? Appresentem todas as suas requisições como outras tantas condições do descanso das nações, e a nossa concessão ás suas vistas faça parte de hum tratado reciproco, e não haverá mais difficuldades.

Os Soberanos talvez não reparem sufficientemente no circulo de embarços e obstaculos, que poem á si, e a nós. Nós requeremos boa ordem para ajuda-los, e a sua explicação para restabelecer a boa ordem. Desejão elles sacrificios, que exigem repartições e pronta obediencia? Para este fim sómente se réquer que a authoridade de Vossa Magestade seja plena e inteira, nada he possivel, nada se pôde executar, se a paz não existir na realidade, ao menos provisionalmente, e longe de hum estado de paz, experimentamos todas as calamidades da guerra.

Ao menos dem os Soberanos alguma attenção

a seus proprios interesses. Quando tudo estiver aruinado e assolado em torno dos seus exercitos, como acharão elles meios de subsistencia? Não he perigoso dispersar as tropas? Não se lançará mão de todas as armas? e armas de toda a casta são matadoras nas mãos da desesperação. Quanto ás contribuições de guerra, que novo sacrificio se pôde exigir, onde o soldado tem já destruido tudo? Acerca da força armada, huma vez relaxada a disciplina, não se restabelece facilmente.

A *Allemanha* está longe de esperar, depois de huma campanha gloriosa, receber outra vez os seus soldados corrompidos por hum espirito de licença, rapina, e pilhagem.

Esta guerra deve ter sido a todos os respeitos distinta das outras, em vez de imitar e superar na *França* os excessos, contra os quaes os Soberanos pegarão em armas. — Sua gloria nunca será satisfeita? Da nossa parte temos feito quanto desejávão; e da parte delles está por cumprir tudo quanto se havia annunciade ao mundo, excepto hum só ponto. Que contraste entre o que actualmente está passando, e suas promessas solemnes! Este he o seculo da razão e da justiça, e a opinião publica nunca teve mais poder. Quem pôde explicar males tão excessivos depois de taes promessas de moderação? A guerra presente foi apprehendida para favorecer a causa da legitimidade. He este o modo de fazer huma guerra destinada a tornar mais sagrada a authoridade de Vossa Magestade?

Desejavão elles punir o individuo, que se recreava com as calamidades das nações, e inflingem sobre a *Europa* a mesma violencia, a mesma deshumanidade. Toda a *Europa* pensava que a entrada dos Soberanos em *Paris* poria fim á guerra. Que se ha de pensar quando se souber, que foi então que começaram os excessos de oppressão, sem combates, e sem resistencia? Os males, que nos increpão de havermos feito soffrer aos outros, nunca forão tamanhos; nunca tiveram lugar quando o uso das armas não tinha objecto; e ainda que fosse verdade, que nós demos os primeiros exemplos de semelhante abuso de força, devião elles imitar o que nos imputão como hum crime?

Conhece-se no Norte, sabe-se na *Prussia* que a nossa falta de moderação fez nascer a energia, e o espirito publico dos nossos inimigos. Nunca terião fim os males da humanidade, se vinganças reciprocas devessem ser a regra da guerra, porque as nações nunca morrem.

Vossa Magestade se digne permittir-me que insista em huma consideração final. Emquanto a *França* tem alguma cousa que conservar, na esperança de manter a sua integridade como nação,

nenhum sacrificio será impossivel, e podem executar-se todos os planos de huma policia justiceira; mas no dia, em que os habitantes perderem tudo, em que se consummar a sua ruina, ver-se-ha surgir huma nova ordem de cousas, huma nova serie de acontecimentos, porque então não haverá Governo, nem obediência. Hum furor cego tomará o lugar de resignação; só se pedirão conselhos á desesperação; haverá estragos de ambas as partes — a pilhage fará guerra á pilhage. Cada pegada dos soldados estrangeiros será marcada com sangue. A *França* será menos envergonhada em destruir-se, do que em se deixar destruir dos outros; — o momento se avizinha; — já o espirito nacional toma sua medonha direcção; os partidos mais oppostos se concentram em hum. — A mesma *Vendée* une suas bandeiras com as do exercito. Neste excesso de males, que partido resta a Vossa Magestade salvo o de retirar-se? Os empregados publicos da mesma maneira deixarão seus lugares, e os exercitos dos Soberanos terão que lutar contra individuos soltos de todos os laços sociaes.

Huma nação de trinta milhões de habitantes, pôde sem duvida desaparecer da face da terra, mas nesta guerra de homem a homem, os opprimidos e os seus vencedores ficão enterrados na mesma sepultura.

FOUCHE.

Resposta dos Ministros Francezes á nota Official dos Soberanos Alliados.

Os Ministros do Rei receberão a nota Official, que lhes dirigirão os Ministros das Potencias Alliadas. Dezejo estes persuadir aos Ministros do Rei, que as medidas, que elles tem ordenado ao Governo de *Paris*, são taes, que podem contribuir para diminuir as exacções da guerra, e restabelecer a authoridade Real.

Porém os Ministros do Rei infelizmente não podem considerar as ditas medidas naquella ponto de vista. Devem aos Soberanos, á *França*, e a si mesmos explicarem-se a este respeito. Os Soberanos sem duvida são senhores, e podem fazer quanto dezejam, mas de maneira alguma, quando dão todos os passos para arruinar a causa de Sua Magestade, digão que querem conceder-lhe algum favor. Ha já na *França* muito odio, e ha de haver contra os *Bourbons*; e não he necessario revoltar mais todos os corações, fazendo a nação exprimentar as maiores perdas, e a mais profunda humilhação. Que humilhação pôde ser mais afflictiva do que ver em tempo de paz todos os departamentos sujeitos aos vossos governadores milita-

res — que desgraça mais lamentavel do que a dispersão das vossas tropas sobre toda a face do paiz? Os Soberanos declararão que só fazião guerra contra *Napoleão*, e sem embargo todas as suas medidas desmentem suas palavras, huma vez que no momento presente, quando a guerra devia estar acabada, ella está a ponto de começar. A presente posição da *França* he tanto mais afflictiva, porque se houvesse guerra declarada (o que não ha), fora impossivel que soffresse em maior grao todos os seus males, e todos os seus horrores. Em toda a parte, em que ha exercitos, (exceptuando sempre os *Inglezes*) a pilhage, o fogo, o roubo, e o assassinio, tem sido levados ao maior extremo; a avareza e a vingança nada tem deixado que dezejar aos Officiaes e Soldados. Para fallar com franqueza, elles excedem mesmo as atrocidades, de que os exercitos *Francezes* tantas vezes forão justamente accusados. Porém as medidas, de que faz menção a vossa nota não pôde ter outro resultado salvo estender os limites de sua devastação. Os exercitos se espalhão pelas nossas Provincias, e apoz delles seguem todos os horrores, que havemos pintado. Taes são os sentimentos dos Ministros do Rei sobre o novo Decreto, e elles respondem á appellação, que se lhes fez.

Elles tem a honra de assignar-se com a mais alta consideração.

TALLEYRAND.
FOUCHE.

Bruxellas 2 de Agosto.

O Secretario de Estado, sendo informado pelo Supremo Conselho *Heraldico* que Sua Magestade, por decisão de 8 de Julho, e por hum diploma de 18 do mesmo mez, nomeou, e elevou *Arthur*, Duque de *Wellington*; *Ciudad Rodrigo*, e *Victoria*, Feld Marechal dos seus exercitos, e igualmente a seus descendentes varões, segundo a ordem de primogenitura, á dignidade de Principe de *Waterloo*; e *Ricardo Trench le Poer*, Conde de *Clancarty*, e a seus descendentes varões na ordem de primogenitura, á dignidade de Marquez de *Hensden*, intimando-lhe que fizesse a este respeito as communicações necessarias ás Provincias *Meridionaes*, havendo já esta participação sido feita pela dita Camara aos respectivos estados das Provincias do Norte — leva pelas presentes as ditas elevações e nomeações ao conhecimento dos empregados, de qualquer classe, das Mezas de Administração, e do publico, para que reconheção em suas respectivas qualidades, o dito Principe e Marquez, e os deixem gozar, sem algum embaraço, as prerrogativas annexas á sua dignidade.

O Secretario de Estado, Barão A. CAPÉLIEN.

NOTÍCIAS MARITIMAS.

ENTRADAS.

Dia 24 do corrente. — (Nenhuma Entrada.)
 Dia 25 dito. — Rio Grande; 24 dias; E. En-
 frasia, M. João Vieira Varão, C. ao M., car-
 ne, couros, trigo, e sebo. — Dito; 23 dias; S.
 Guadalupe, M. Antonio Joaquim de Faria, C.
 a João Alves da Silva Porto, couros, trigo, e
 sebo. — Macabé; 6 dias; S. Brilhante, M. José
 da Cunha Sarmiento, C. a Antonio Rodrigues de
 Oliveira, madeira. — Rio de S. João; 5 dias; L.
 Conceição, M. José Maria de Almeida, C. a
 Manoel Ferreira Gonçalves, madeira. — Capita-
 nia; 6 dias; L. Senhora da Conceição, M. João
 Pedro Furtado, C. ao M., milho, e feijão.
 Dia 26 dito. — Porto; 83 dias; B. Loreto,
 M. Manoel Gonçalves Maia, C. ao M., vinho,
 sal, e fazendas. — Rio Grande; 26 dias; S. União
 Feliz, M. Miguel José de Freitas, C. a Mar-
 cos Suel da Silva, carne, couros, e sebo. —
 Campos; 7 dias; L. Conceição, M. José Vieira
 da Silva, C. ao M., agoardente, e mel. — Ma-
 cabé; 4 dias; L. Espírito Santo, M. João Affon-
 so de Aguiar, C. a Lourenço Antonio Ferreira,
 madeira. — Dito; 6 dias; L. Conceição e S. Fran-
 cisco, M. João Antonio dos Santos, C. a An-
 tonio José de Brito, tabaco, e agoardente. — Rio
 de Ostras; 2 dias; L. Santo Antonio, M. Fran-
 cisco Xavier Chaves, C. ao M., assucar, milho,
 e feijão. — Rio de S. João; 8 dias; L. Santo

Antonio, M. Manoel José Antunes, C. a José
 de Serqueira, madeira.

Dia 27 dito. — Cabo Frio, 1 dia; L. Santa
 Anna, M. José Gomes Touguinho, C. ao M.,
 assucar, e mel.

S A H I D A S.

Dia 24 do corrente. — Cabo d' Horn; G.
 Amer. Samuel, M. Arreil Coffin, lastro. — Ma-
 laga; B. Hesp. Icaro, M. Miguel José de Aco-
 ta. — Ilha Grande; S. Especulador, M. Manoel
 Ignacio, lastro. — Dito; L. Santa Anna, M.
 José Francisco Pantalhão, lastro. — Campos; L.
 Senhora da Lapa, M. Joaquim Ferreira, vinho,
 e farinha de trigo. — Rio de S. João, L. Pilar,
 M. José Soares, lastro.

Dia 25 dito. — Porto; B. Triunfo de Portu-
 gal, M. Antonio Moreira dos Santos, generos
 do paiz.

Dia 26 dito. — Londres; P. Ing. Countess of
 Chichester, Com. Abel. — Rio da Prata; G. Ing.
 Economy, M. W.^m Walker, lastro.

Dia 27 dito. — Lisboa; N. S. João Baptis-
 ta, Cap. Rezendo Antonio da Silva, generos do
 paiz. — Parati; L. Santa Anna, M. Antonio
 Martins de Araujo, lastro. — Dito; L. Penha,
 M. Bernardo José Martins, lastro. — Ilha Gran-
 de; L. S. Francisco de Paula, M. Manoel Fran-
 cisco, lastro. — Benevento; L. Santa Rita, M.
 Antonio João, lastro.

A V I S O S.

Na loja da Gazeta se achão novamente: — Primeiras Linhas Orphanologicas 1 vol. 2:000. —
 Primeiras Linhas Civis 4.^o 3 vol. 9:600, qualquer dos volumes desta obra se vende separado a 3:200. —
 Primeiras Linhas Criminaes 2 vol. 6:400. — Collecção Juridica 1 vol. 3:200. — Observações sobre a Pro-
 priedade 1 vol. 3:200. — Manual de Appellações e Aggravos 1 vol. 3:200. — Tratado sobre os Testa-
 mentos 1 vol. 3:200. — Tratado sobre os Morgados 1 vol. 3:200. — Direito Patrio 3 vol. 6:400. —
 Deveres dos Juizes 1 vol. 1:280. — Extravagantes de Duarte Nunes de Leão 1 vol. 9:600. — Clas-
 ses dos Crimes 1 vol. 4:000. — Fontes do Código Filipino 1 vol. 2:400. — Indice Chronolog. das Leis
 de João Pedro Ribeiro 4 vol. 9:600. — Obras de Pascoal José de Mello 7 vol. 16:000, o Indice do
 mesmo separado 3:200. — Diccionario Juridico 2 vol. 3:200. — Ordenações do Reino 3 vol. 12:800. —
 Repertorio das Ordenações 4 vol. 20:000. — Direitos Dominicaes 1 vol. 3:200.

Sexta feira 1.^o de Dezembro corre a rôda da Loteria mensal ás 10 horas da manhã em huma das
 gallas do Real Theatro de S. João, e os Bilhetes da Loteria de Dezembro já se achão á venda. O pa-
 gamento he em todos os dias de semana de manhã até á huma hora da tarde, no mesmo Theatro.

Quem quizer comprar hum sitio na parage chamada Sete pontes, Freguezia de S. Gonzalo, com
 boas cazas de vivenda, com forno e roda, e muitos pés de caffè, e de lorangeiras; dirija-se á rua da
 Misericórdia, caza N.^o 20, a fallar com Joaquim José de Santa Anna.

Quem quizer arrendar huma chacara na Ponta do Cajú, com muita plantação de capim, falle
 com Francisco Antonio Dimichelis, que mora na rua da Cadêa, junto ao Correio.

Bernardo Manoel da Silva, faz saber que se alguma pessoa, qualquer que ella seja, pedir algu-
 ma cousa em seu nome, o não dê sem ser por escrito firmado pelo seu proprio punho.

Antonio Martins Lage, faz sciente ao publico que elle mudou a sua caza da rua dos Pesca-
 dores N.^o 17, para a rua Direita N.^o 50, na qual vende ferro de todas as qualidades, arcos, e as-
 so, pelos preços mais commodos.